

Apresentar um testemunho sobre o livro constitui uma empresa aliciante, e ao mesmo tempo difícil e complexa, na medida em que o mesmo representa na sua essência um saber acumulado e diversificado. Desde a invenção da imprensa em caracteres móveis, com a edição da Bíblia de 42 linhas (1453-1455) deram-se passos extremamente importantes na história do livro, cujo constante aperfeiçoamento muito contribuiu para que se dessem passos importantes no alargamento da cosmovisão dos homens do passado, mais aptos a rasgar trevas do desconhecido e a aventurarem-se na descoberta e na inovação.

Também a invenção da imprensa representou um acesso mais fácil, embora lento e paulatino, a um dos mais expressivos instrumentos ao serviço do homem, alargando consideravelmente o espaço da comunicação, a qual se encontrava restringida à produção manual do manuscrito.

Ao longo dos tempos o livro foi-se aperfeiçoando gradualmente, dando origem no século XVI às edições de luxo, com a impressão de Livros de Horas, ilustrados com a mais requintada beleza. Por seu turno, verificou-se desde o início, a manutenção do cursivo gótico alemão dos manuscritos quatrocentos, situação que prevaleceu até ao dealbar do século XX. Em Veneza assentou o berço do moderno livro impresso, com artistas inigualáveis na sensibilidade e no equilíbrio da forma.

Existe, com efeito, uma estreita cumplicidade entre o livro e o leitor. Cada livro representa o acesso à descoberta, exercendo um fascínio difícil de explicar através da magia da palavra, embora ele próprio represente as palavras cujo acesso implica um modo de abertura a conhecimentos mais profundos. É através da relação entre o livro e os homens, nas diversas etapas psicogenéticas do seu desenvolvimento, que se forjam as condições para a criação duma evolução equilibrada, que implica o acesso a módulos significativos do

saber. As representações mentais reflectem na sua ipsidade as fases representativas do mundo como realidade e conhecimento.

O recurso às novas técnicas de condensação da informação de modo algum podem pôr em causa a validade do próprio livro, embora surjam no horizonte algumas vozes que pressagiam a morte desses instrumentos essenciais da cultura dos homens. Essa morte anunciada não passa dum falso rebate. A conciliação entre a nova linguagem da informação, com recurso aos métodos tecnológicos mais sofisticados, não representa uma ameaça, mas outrossim uma forma complementar de tornar mais veloz e acessível, o conhecimento aos seus utilizadores. Lembrando o filósofo Descartes devemos ter sempre presente o conceito, que resulta impossível quantificar o racional, na medida em que este é, por essência e natureza qualitativo.

O contacto que se estabelece entre o leitor e o livro gera engramas afectivos que fazem da obra impressa um repositório fundamental no gosto e na atracção pela leitura. O livro com a sua própria textura valoriza e potência a criatividade, contribuindo dum modo decisivo para que se desenvolvam no homem valências essenciais da sua psicologia profunda. Esse despontar resulta em boa medida desse empolgante desafio gerador de sinergias potencialmente submersas no inconsciente do ser humano. Ir ao encontro desse desabrochar poderá em muitos aspectos permitir um diálogo que assente numa tríade: o homem, o livro e a leitura. Um acto que em si mesmo pertence a essa estreita conjugação que se estabelece na relação que se forma entre eles. Uma relação que se quer e se pretende cada vez mais potenciadora da extraordinária capacidade imaginativa e criadora do homem.

*Humberto Baquero Moreno*